

O GUARDADOR DE MEMÓRIAS

DENISE GUILHERME



© Rebeca Luciani

Resenha

Em um pequeno povoado “onde tudo parecia faltar à primeira vista”, nasce um menino com orelhas em formato de concha. Tudo parece faltar, mas não faltam histórias e palavras: desde pequeno o menino se recorda de tudo o que contam sobre seu povo, seus ancestrais e os deuses que guiam seus caminhos. Logo cedo, o garoto começa a esculpir potes de cerâmica para guardar as histórias que ouve. Assim, basta deitar as orelhas sobre o recipiente escolhido e as narrativas escorrem para dentro. Mais tarde, enquanto outros jovens da mesma idade escolhem viajar para longe, ele opta por permanecer na aldeia, para proteger as histórias.

Tudo isso, porém, se transforma radicalmente quando chegam os estrangeiros, que, sem piedade, tomam as casas, as terras e os tesouros daquele povo, destruindo um por um os potes de histórias. No momento em que os forasteiros impõem suas palavras e seus costumes aos nativos, o menino, agora um homem, acaba fugindo e deparando-se com a imensidão do mar pela primeira vez. Ali, depois de chorar copiosamente, coloca uma concha no ouvido e pouco a pouco volta a ouvir as palavras que haviam sido perdidas.

Em *O guardador de memórias*, Denise Guilherme procura, em uma narrativa delicada e repleta de simbolismo, levar os leitores a refletir sobre a experiência devastadora da colonização. Ainda que a narrativa opte por não nomear povos e lugares, ela nos leva a contemplar os acontecimentos através dos olhos (e dos ouvidos)



Coordenação:
Maria José Nóbrega

de um garoto que se interessa profundamente pelas narrativas do seu povo, um menino que, mais tarde, testemunha o seu mundo e suas cerâmicas serem destruídos. A temporalidade da trama, muito embora acompanhe o protagonista do nascimento até sua vida adulta, evoca, de maneira alegórica, o desenrolar de séculos antes e depois da chegada dos colonizadores europeus, terminando em um tempo de resgate, que poderia ser o tempo de hoje. Trata-se de uma obra que aborda de maneira delicada temas urgentes, um convite para que os jovens leitores mergulhem nos ricos, históricos e míticos universos indígena e quilombola.



Depoimento

De Pedro Felicio,
ator, músico e pai

“Achei triste, pai.”

Foi assim que meu filho mais velho, de apenas nove anos, reagiu quando acabamos a leitura de *O guardador de memórias*. Depois desses nove anos lendo livros junto com ele, essa foi uma reação inédita. Parei por uns instantes – enquanto a mais nova pedia para voltar algumas páginas e rever as cores fascinantes de Rebeca Luciani – e me peguei tentando entender o que aquela frase significava.

Depois de a pequena esbaldar seus olhos com as ilustrações mais umas duas ou três vezes, meu filho, pegou o livro nas mãos e começou a folheá-lo sozinho, relendo a história daquele menino-homem guardador de memórias e de seu povo.

Quando foram para a cama naquele mesmo dia, já sob os lençóis, prontos para dormir, resolvi resgatar o assunto: “Me conta, filho, por que você achou triste a história”. Ele pensou bastante na resposta: “Porque ele ficou sozinho, pai. E todas as pessoas de quem ele tinha histórias tinham ficado na cidade dele. Isso é muito triste”.

“Sim”, eu continuei, “mas ele voltou para o povoado.”

“É. Mas os estrangeiros tinham destruído, e tinha fumaça nas casas. Deve ser difícil construir tudo de novo depois da guerra.”

Não continuei mais o assunto. Não falamos mais sobre o livro, embora ele e a irmã tenham lido mais uma vez no dia seguinte e, provavelmente, lerão muitas vezes mais.

Preferi ficar com essa impressão tão profunda que *O guardador de memórias* deixou no meu pequeno de apenas nove anos.

Nada poderia me preparar para ouvir meu filho dizer essas palavras. Significa, para mim, entender que ele não pode mais se dar por satisfeito com histórias simplórias. Significa que ele pode entender a dor e o sofrimento causados ao outro e que ele pode se identificar com isso. Que ele pode (ou poderá, quando se tornar adulto) entender de que lado ele deve estar quando alguém, algum povo ou povoado ou comunidade estiverem sob opressão.

Nada poderia me preparar para a intensa reação que meu filho teve diante das palavras de Denise Guilherme. Perceber que um ser humano de apenas nove anos pode se encontrar nessa narrativa talvez me tenha feito acreditar um pouco que eu, já com uns quarenta anos, ou outros, de vinte, trinta ou cinquenta e nove, possamos também nos encontrar.



Um pouco sobre a autora

Denise Guilherme nasceu em Osasco, em 1976. Mestre em Educação pela PUC-SP, já lecionou para o Ensino Fundamental I e para o Programa Especial de Formação Superior da FITO-Osasco. Entre as várias atividades que realizou na carreira, está o trabalho como assessora especialista em formação de leitores e projetos de leitura, prestando serviços para importantes instituições privadas da área educacional, bem como para instituições públicas. Foi selecionadora dos trabalhos da área de Língua Portuguesa do Prêmio Professor Nota 10 e formadora do Programa Ler e Escrever, da Secretaria Estadual de São Paulo.

Em 2019, tornou-se membro do corpo de jurados do Prêmio Jabuti na categoria Livro Infantil. Atualmente compõe a equipe de A Taba, empresa da qual foi a idealizadora e que é especializada em curadoria de livros infantis e juvenis com foco na formação de leitores. Denise é professora no curso de pós-graduação de Literatura para crianças e jovens, do Instituto Vera Cruz.

Leia mais

Da mesma série

- ✦ *A caixa maluca*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A máquina de retrato*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A menina dos sonhos de renda*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *A história de Akykysia, o dono da caça*, de Rita Carelli. São Paulo: Sesi.
- ✦ *Kaká Dorebu*, de Daniel Munduruku. São Paulo: Brinque Book.
- ✦ *Letras de carvão*, de Irene Vasco. São Paulo: Pulo do Gato.
- ✦ *Obax*, de André Neves. São Paulo: Brinque Book.
- ✦ *As fabulosas fábulas de Iauaretê*, de Kaká Werá Jecupé. São Paulo: Peirópolis.